

A ÚLTIMA DECADÊNCIA DO REGIME 1957

28. III

O sr. Ademar de Barros venceu as eleições na grande cidade de São Paulo, que, não sabemos porque, dizem alguns ser a mais politizada do País. Vergonha! — exclama diante de tais resultados um matutino carioca. E, em verdade, o que o pleito demonstra é a completa indiferença da metade, pelo menos, do eleitorado da capital paulista, pelos fatores morais. Não houve, nem poderia ter havido engano. Os eleitores do sr. Ademar de Barros sabiam perfeitamente em quem votavam. Quiseram conscientemente eliminar a vassoura e a ratoeira. Começaram queimando a vassoura na praça pública e acabaram a obra nos comícios eleitorais. Não mais haverá vassouras e ratoeiras na capital de São Paulo.

É certo que, tendo sido já um grande prefeito e dando toda a segurança de que, desta vez, não o seria menor, e ilustre engenheiro Prestes Maia não era um bom candidato, isto é, um candidato suficientemente comunicativo para tocar a massa politicamente inculta e civicamente incapaz. Mas nenhum outro candidato poderia apresentar igual plataforma: uma anterior administração profícua e sob todos os aspectos modelar. Ele não fazia discursos, ou fazia maus discursos, mas, melhor que todos os discursos, falava sua obra. Dispensável era a palavra, onde havia atos.

Foi, portanto, uma preferência consciente a que se manifestou no último domingo, em São Paulo. Houve erro, mas não engano. Cada qual votou sabendo o que queria e de acordo com o que queria.

Essa é a primeira e tristíssima conclusão a tirar de pleito. A proibidade e a capacidade são atributos desnecessários e, até, indesejáveis no administrador. Assimilado o governo a um festim, melhor candidato é o que mais ampla participação oferece no festim. Mais baixa não poderia ser a degradação da nossa vida pública.

Não podemos, porém, ficar nesta primeira verificação. Se o valor moral e a proficiência técnica já não contam em nossa vida pública, qual a causa de tamanha desclassificação? Por que Ademar de Barros vence Prestes Maia, por que Juscelino Kubitschek vence Juarez Távora? Em suma, por que os piores vencem os melhores?

Uma causa devemos encontrá-la na ditadura do Estado Novo. Esta tudo perverteu no seu longo domínio. O sr. Ademar de Barros é fruto opimo dela. Foi durante a sua interventoria no Estado de São Paulo, que o sr. Ademar de Barros se revelou, enriquecendo prodigiosamente e obtendo um prestígio popular proporcional à ingente cópia de riquezas mal havidas. Mas a ditadura por mais intensos que tenham sido os seus efeitos, foi apenas uma causa intercorrente no processo de decomposição da vida pública nacional. Inseriu-se, agravando-a consideravelmente, na causa fundamental e permanente — o sistema presidencial de governo, que consagra a irresponsabilidade dos governantes e perverte o povo, tornando-o fácil presa da demagogia, com a eleição direta, pode levar a todas as aberrações.

Com o sistema parlamentar, o fenômeno Ademar de Barros seria impossível. Nêle não há clima para tais mistificações. Nêle, nenhuma assembléia de representantes o elegeria prefeito, governador, ou presidente. Não vingam os caudilhos, qualquer que seja o seu feitio. Não foi, pois, sem razão que o antigo interventor paulista abandonou o parlamentarismo, que, a fim de disfarçar o caráter essencialmente personalista do seu partido, figurava no programa. Instituído que fôsse o novo sistema, passaria inevitavelmente o chefe populista a ser um político de décima ordem.

Assim, a vitória do sr. Ademar de Barros, em São Paulo, não é um simples episódio, por sua natureza transitório. É, sim, a última e mais grave manifestação da decomposição da vida pública brasileira. E o pior é que, na que dizem ser a mais politizada das populações brasileiras, pelo menos a metade do eleitorado tal não percebe.